



E D I T O R I A L

## HOMO LITTERATUS

Para o homo vulgaris, que todos nós somos na dimensão pragmática e trivial do dia a dia, o texto literário fica classificado entre os produtos excedentários que, na melhor das hipóteses, ornamentam mas não intervêm na resolução de questões de interesse. Ainda que se mantenha um certo prestígio tradicional, porque o exercício da escrita andou frequentemente associado com um certo exercício do poder, nem sempre o apreço vai para as formas literárias. Antepõe-se-lhe, por ex., a especulação filosófica, à qual se concede o privilégio do rigor lógico, mais próximo do encadeamento necessário para uma solução pragmática. Numa frase de Francisco Bacon, a poesia representa o sonho da especulação: *poesis doctrinae tamquam somnium*; e não é difícil reduzir o encanto que nela se esconde ao desencanto de uma inoperância que se rejeita.

A própria teoria do discurso, ao explicitar o carácter específico do texto literário, tem de contrapor-lhe toda uma série de usos e registos linguísticos dependentes, antes de o definir como texto pleno, com sentido autónomo e independente de uma referência exterior.

Nesta plenitude reside, evidentemente, a explicação para a sedução e encantamento que desperta o texto literário, e bem assim para as prevenções com que alguém menos iniciado dele se defende. É que o desafio contra o tem

po, traduzido no κτῆμα εἰς ἀεὶ de Tucídides ou no exegi monumentum aere perennius de Horácio, caminha lado a lado com o γραφεῖν ἐν ὕδατι do Fedro platônico e só a conciliação entre o momento originante, individual e único, da criatividade, com o sentido admirativo, lúcido e consciente da análise (θαῦμα filha da ἴρις, como aconselha o Teeteto) será garantia de que o homo litterarius pode conviver em paz com o homo pragmaticus. A recuperação desse momento inicial passa não tanto por uma desmontagem, mas mais pelo encantamento da descoberta através de um empenhamento no refazer do caminho andado.

Haverá nisso uma dimensão lúdica, mas nem por isso vazia. Porque o lúdico significa actividade contida, disciplina racionalizada, convívio partilhado, intensidade empenhada num momento, fantasia e inteligência, simulação e seriedade, identificação na alteridade admitida, superação no disfarce reconhecido e admitido, reconhecimento de sentido no gratuito, ocupação sem busca de interesse, competição sem anulamento, entusiasmo sem arrebatamento desmedido, consagração e regozijo, tensão e gozo final com a vitória partilhada.

As metodologias de aproximação e análise do fenómeno literário poderão variar sem que sejam divergentes os objectivos finais. Cada uma delas terá o seu tempo mais específico de eclosão e aceitação. Algumas serão mais perspectivas englobantes do que grelhas de análise, e nessa dimensão menos redutora estará o seu mérito relativo.

A literatura comparada, como disciplina, ou seja, como teoria e metodologia do estudo do fenómeno literário, nasce num condicionalismo determinado, como meio de superar fronteiras artificiais geradas por factores estranhos ao próprio fenómeno, já que mais tinham a ver com políticas e ideologias de poder do que com a expressão literária em si. Mas, como perspectiva, nunca a comparação em literatura esteve ausente dos teorizadores. Retomá-la, partindo das duas literaturas clássicas da Antiguidade, a grega e a

latina, para alargar o horizonte às demais literaturas poderá ser não apenas experimentar e testar metodologias particulares de análise no reconhecimento das constantes presentes no fenômeno literário, mas também verificar interferências, fenômenos de continuidade e de rotura, recorrências de temas e de linguagens, se não mesmo apurar uma linguagem cujo reconhecimento e segmentação apenas no convívio literário se pode obter. Será então talvez mais fácil determinar as razões da persistência de um interesse continuado, ao longo da história, pelos próprios textos clássicos da Antiguidade...

A Escola, fixe ou não o cânon dos autores admitidos, é, por vontade institucional, se não a legatária directa do depósito literário formado ao longo do tempo, pelo menos o espaço em que a sua leitura deve ser assegurada. Uma das formas mais estimulantes, e menos constrangedora e restritiva, é sem dúvida a da comparação dos textos entre si.

Este número de CLÁSSICA volta-se para uma experiência desenvolvida nos dois últimos anos com o lançamento do Curso de Mestrado em Literaturas Clássicas.

Não é frequente, por pudor ou falta de tempo, reflectir em voz alta sobre o que se faz dentro da Escola. Também não é fácil fazê-lo sobretudo quando se tem de partir do princípio de que o discurso de análise é fragmentário e incompleto e o objecto de apreciação é um ou mais textos, plenos de sentido e completos na forma. De tudo o que foi feito apenas aqui fica uma parte. Não nos propusemos elaborar uma crónica nem muito menos uma recolha sistemática. Alguns dados apenas de uma experiência que irá continuar. Assim se justificaria que trocássemos algumas impressões com o responsável por um Seminário que durou os dois anos e que teve por temática a Problemática da Literatura Comparada. Assim se justifica também que se incluam exercícios elaborados nesse âmbito.

A. N.